



ABORDAGEM DA SEXUALIDADE EM MULHERES QUE CONVIVEM COM HIV NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Elias Fernandes Mascarenhas Pereira; Maiane Alves Macedo; Raissa Soares de Lima; Francis
Nataly de Almeida Anacleto

Universidade Federal do Vale do São Francisco, eliasmasc12@gmail.com

INTRODUÇÃO

O aumento do número de casos de indivíduos infectados pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV), promoveu a mudança no perfil epidemiológico da doença no Brasil que, atualmente, se caracteriza pela interiorização, pauperização, heterossexualização, feminização e juvenilização, junto a isso, os avanços científicos e tecnológicos, sobretudo no campo terapêutico, com a chegada da terapia antirretroviral, que promoveu importantes alterações na expectativa e nas perspectivas de vida dessas pessoas (GRANJEIRO *et al.*, 2010; REIS; NEVES; GIR, 2013).

Tais mudanças fizeram emergir um novo cenário caracterizado pela cronicidade da epidemia, onde as pessoas vivendo com HIV passaram a ter melhores prognósticos, aumento da sobrevida e melhor qualidade de vida, possibilitando-lhes reorganizar e planejar aspectos futuros de sua vida, tais como a carreira profissional, novas relações afetivas/amorosas e escolhas reprodutivas (AMORIM; SZAPIRO, 2008).

Ao considerar esse contexto, outras demandas são necessárias para a compreensão holística das necessidades de saúde das pessoas vivendo com o HIV/AIDS, especialmente entre as mulheres que estão mais vulneráveis a infecção pelo vírus do HIV, e isso por apresentarem desigualdades em relação aos homens no que se refere à prevenção, controle e tratamento da doença.

Exigindo que os serviços de saúde atuem na perspectiva da integralidade do cuidado, possibilitando a avaliação clínica e psicossocial para identificação de modos de enfrentamento, dificuldades de aceitação e de viver com o diagnóstico de soropositividade, bem como considerar questões relacionadas à saúde sexual e aos direitos reprodutivos destes indivíduos (LANGENDORF *et al.*, 2015; SILVA; REIS, 2012).

Assim, o trabalho ora apresentado tem como objetivo refletir sobre a atuação dos profissionais de saúde na atenção básica referentes



ao exercício da sexualidade em mulheres que vivem com HIV.

METODOLOGIA

Trata-se de um ensaio teórico-reflexivo que propõe uma discussão acerca da abordagem às questões ligadas ao exercício da sexualidade em mulheres que vivem com o HIV. Essa investigação parte da percepção dos profissionais da saúde sobre a temática até sua *práxis*. O plano de fundo para a problematização é a atenção básica devido a capilaridade de suas ações.

O problema proposto foi analisado, explicitado e interpretado apoiado em livros e periódicos científicos relevantes na área. O ensaio é um meio de análise e especulações sobre o objeto estudado, que se dispõe a identificar uma questão e discorrer sobre ela. Como aponta Severino (2014), esse tipo de metodologia caracteriza-se pela exposição lógica e reflexiva, alto grau argumentativo e interpretação pessoal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste campo torna-se legítimo reconhecer o desejo pela maternidade das mulheres vivendo com o HIV/AIDS e pelo exercício pleno da sua sexualidade, compreendendo-a para além das práticas sexuais, é a sexualidade que fala do corpo, do prazer, da intimidade, da reprodução, das orientações sexuais, da identidade de gênero, das vulnerabilidades, dos parceiros afetivos sexuais, dos fatores legais, espirituais, religiosos, a vivência da sexualidade como algo natural da vida e essencial (CHAUI, 2000; FREUD, 2006).

Contudo, nem sempre a devida abordagem referente a essas questões é desenvolvida na prática assistencial, mesmo nos serviços especializados de atendimento a esses indivíduos. Os profissionais de saúde apresentam posturas que, muitas vezes, vão contra as reais demandas, valores e direitos desses indivíduos, desenvolvendo práticas que aumentam as vulnerabilidades dessa população e as desencorajam, principalmente, sobre suas escolhas reprodutivas (GONÇALVES *et al.*, 2009).

Esses achados apontam para a necessidade de pensar a rede de cuidados à saúde da mulher que vive com o HIV, de ampliar as ações interdisciplinares e intersetoriais, visando tanto o enfrentamento da feminilização da epidemia quanto o fornecimento de serviços necessários às mulheres soropositivas, especialmente, ligados à sexualidade e escolhas gestacionais, em todos os níveis de atenção à saúde, uma vez que, a integralidade de ações de saúde começa pela organização dos processos de trabalho na atenção primária.



Por ser desenvolvida com o mais alto grau de descentralização e capilaridade, ocorrendo no local mais próximo da vida das pessoas a Atenção Básica de Saúde (AB), através dos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), promove a integralidade da assistência em saúde de acordo com a necessidade da população. Para seu andamento, está sedimentada na Unidade Básica de Saúde (UBS), enquanto campo físico e na Estratégia de Saúde da Família (ESF), enquanto organização. A ESF é composta por médico, enfermeira, auxiliar de enfermagem, agentes comunitários de saúde, dentista, e o agente comunitário de saúde (ACS) (BRASIL, 2011). Portanto a Equipe de Saúde da Família deve estar preparada para atuação diante das questões expressas pelas mulheres que vivem com HIV.

Muitos são os aspectos específicos do atendimento às portadoras de HIV/AIDS levando em consideração as questões de gênero, sendo importante que os profissionais da ESF, responsáveis pelo planejamento e acompanhamento familiar, tenham conhecimentos adequados sobre gravidez e sexualidade em mulheres com a sorologia positiva (SANTOS *et al.*, 2002).

Entretanto, apesar dos avanços obtidos no campo terapêutico e da saúde reprodutiva, que permitem às mulheres soropositivas utilizarem medidas que visam a redução do risco de transmissão sexual do HIV no planejamento reprodutivo entre casais que vivem com o HIV e na transmissão vertical, muitos profissionais desconhecem essas possibilidades.

É preciso, portanto, em conformidade com Gonçalves (2009) que os profissionais de saúde, que compõe as equipes interdisciplinares, participem de capacitações e do processo de educação permanente para que os mesmos possam desenvolver o cuidado em saúde numa perspectiva mais abrangente, mais concernentes com as demandas expressas por essas mulheres, rompendo com modelo biomédico.

Ainda é atribuição da equipe da ESF planejar e organizar ações e estratégias de enfrentamento dessa problemática, tendo em vista que compete à equipe a realização de ações de promoção da saúde e prevenção de agravos, englobando saúde sexual e reprodutiva e atenção integral às mulheres vivendo com o HIV.

CONCLUSÕES

Considerando a necessidade de contemplar questões relacionadas à saúde



sexual e reprodutiva de mulheres vivendo com o HIV/AIDS sugere-se aqui a realização de estudos voltados para a compreensão das percepções e práticas dos profissionais de saúde acerca dessas questões.

Diante desse contexto, torna-se essencial compreender quais as percepções dos profissionais da ESF sobre a temática, uma vez que elas, dotadas de crenças, valores, sentimentos e opiniões nortearam suas práticas impactando diretamente no tipo de assistência que será prestada a essa população. Conforme Teixeira e Oliveira (2014, p. 811) “Acessar as percepções dos profissionais de saúde em contextos de atendimento a pessoa vivendo com HIV/AIDS implica em compreender como interpretam e que sentidos atribuem a este objeto”.

O reconhecimento da complexidade dos aspectos relacionados aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres vivendo com o HIV/AIDS exige que vários setores atuem de maneira integrada para garantir todos os direitos a essa população. No campo da saúde, o trabalho interdisciplinar e multiprofissional precisa ser efetivo visando à integralidade da atenção a essas usuárias, entretanto, como mostra a revisão da literatura, essa problemática ainda é um grande desafio para os serviços de saúde, até mesmo os especializados.

Entre os muitos fatores para explicar as barreiras envolvidas no acesso às práticas de prevenção, como sexo seguro e adesão a tratamentos para HIV/AIDS, e a possibilidade de fazer opções conscientes quanto à maternidade, em mulheres vivendo com o HIV/AIDS, estão a falta de apoio dos profissionais de saúde e o despreparo dos mesmos para lidarem com essas questões.

A análise das práticas e percepções dos profissionais de saúde ajudará a fortalecer a rede de cuidados às mulheres infectadas, diagnosticar quais estratégias podem ser utilizadas para o processo de educação permanente e educação continuada desses profissionais, fortalecimento das políticas públicas e promoção da qualidade de vida dessa população.

Por fim, estas ações poderão contribuir para articulação intersetorial, que inclui todos os níveis de atenção à saúde, educação, assistência social, direito e a participação social norteando intervenções concretas nesses contextos.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Camila Miranda de; SZAPIRO, Ana Maria. Analisando a problemática do risco em casais que vivem em situação de sorodiscordância. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, n. 6, p. 1859-1868, 2008.



BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria N° 2.488, de 21 de outubro de 2011. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes e normas para a organização da Atenção Básica, para a Estratégia Saúde da Família (ESF) eo Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS).

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 1997. **Dos pré-socráticos a Aristóteles. 2ª ed. São Paulo, 2000..**

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos. 1901-1905.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro.

GONÇALVES, Tonantzin Ribeiro et al. Vida reprodutiva de pessoas vivendo com HIV/AIDS: revisando a literatura. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 223-232, 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n2/v21n2a09>> acesso em: 12/10/2016.

GRANGEIRO, Alexandre; ESCUDER, Maria Mercedes Loureiro; CASTILHO, Euclides Ayres. Magnitude e tendência da epidemia de Aids em municípios brasileiros de 2002–2006. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 430-41, 2010.

LANGENDORF, Tassiane Ferreira et al. Compreensão do vivido do ser-casal diante da profilaxia da transmissão vertical do HIV. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 36, n. spe, p. 70-76, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198314472015000500070&script=sci_abstract&tlng=es> acesso em: 10/10/2016.

REIS, Renata Karina; NEVES, Lis Aparecida de Souza; GIR, Elucir. O desejo de ter filhos e o planejamento familiar entre casais sorodiscordantes ao HIV. DOI: 10.4025/ciencucidsaude.v12i2.16393. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 12, n. 2, p. 210-218, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/1639>> acesso em: 10/10/2016.

SANTOS, Naila JS et al. Mulheres HIV positivas, reprodução e sexualidade. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, n. 4, p. 12-23, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S003489102002000500004&script=sci_abstract&tln g=en> acesso em: 10 de outubro de 2016.

TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Denize Cristina de. Representações sociais de educação em saúde em tempos de AIDS/Social representations



II CONBRACIS
II Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde

of health education in a time of AIDS/Representaciones sociales de educación para la salud en la era del SIDA. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, n. 5, p. 810, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. Cortez editora, 2014.

